

GT 4 - Desenvolvimento, Ruralidades e Meio Ambiente

A Vida Cotidiana como um lugar revelador e privilegiado para a análise sociológica dos impactos locais de grandes projetos de desenvolvimento

*Raquel Hadrich Silva
William Héctor Gómez Soto*

Apresentação

Este trabalho tem como objetivo apresentar a perspectiva teórico-metodológica da Sociologia da Vida Cotidiana como uma alternativa de para a análise dos impactos locais de grandes projetos de desenvolvimento. A perspectiva economicista quantitativa acerca do desenvolvimento não é capaz de superar a concepção que o iguala ao crescimento econômico. A perspectiva dominante de desenvolvimento continua sendo a quantitativa e, por este motivo, percebe-se que a necessidade de se garantir o crescimento econômico a qualquer custo para se atingir o protelado desenvolvimento se tornou ideológica, no sentido marxiano, em nossa sociedade. Todavia, pode-se encontrar na vida cotidiana um lugar privilegiado da investigação sociológica para revelar que transformações têm esses processos de desenvolvimento gerado. A análise das transformações da vida cotidiana das populações traz a possibilidade de questionar a ideologia do desenvolvimento a partir da identificação dos impactos dos grandes projetos de às populações locais.

Desenvolvimento

Marx & Engels (1993), ao apresentarem sua concepção do termo ideologia em A Ideologia Alemã, afirmam que as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes. Na medida em que um grupo de indivíduos domina como classe e determina todo o âmbito de uma época histórica, na perspectiva marxiana, conseqüentemente este grupo dominará também como produtor de ideias, regularão a produção e a distribuição de ideias de seu tempo. Assim, suas ideias serão, as ideias dominantes de uma época. Percebe-se, então, que a perspectiva marxiana faz a associação da ideologia aos condicionamentos históricos e sociais da classe ou grupo dominante.

Celso Furtado (1992) entende o desenvolvimento como ideologia cujas teorias são esquemas explicativos dos processos sociais em que a assimilação de novas técnicas e o conseqüente aumento de produtividade conduzem a melhoria do bem-estar de uma população com crescente homogeneização social. Como toda ideologia, esta é uma representação distorcida da realidade e, portanto, segundo Furtado (1992), este processo não se verifica como regra. O autor discorre que o crescimento econômico está longe de ser condição suficiente para que se produza o verdadeiro desenvolvimento e que, a rigor, o subdesenvolvimento é uma variante do desenvolvimento, é uma das formas que historicamente assumiu a difusão do progresso técnico.

Marcuse (1964) apresenta a identidade da técnica associada à dominação. Ao descortinar na sociedade industrial uma tendência totalitária que se baseia no controle social crescente, intermediado e cada vez mais aperfeiçoado pela técnica, este autor elucida que "hoje, a dominação se perpetua e se estende não apenas através da tecnologia, mas como tecnologia, e esta garante a grande legitimação do crescente poder político que absorve todas as esferas da cultura" (Marcuse, 1964, p. 154). A tecnologia, como expressão mais forte dessa sociedade industrial moderna, tende a legitimar o poder político ao mesmo tempo em que se torna elemento de apropriação política. Racionalidades técnicas, segundo este autor, tornam-se racionalidades políticas, sendo que, por vezes, a primeira se sobrepõe à segunda. A técnica, nessa perspectiva, não está a serviço de uma objetividade política, mas constituirá a própria objetividade, a serviço de uns e em detrimento de outros.

Neste movimento de dominação via discurso de desenvolvimento, Martins (1996) concorda com Alistair Hennessy quando afirma que as sociedades latino-americanas ainda estão no estágio da fronteira. Para Martins (1996), essas sociedades ainda se encontram naquele estágio de sua história em que as relações sociais e políticas estão, de certo modo, marcadas pelo movimento de expansão demográfica sobre terras "não ocupadas" ou "insuficientemente" ocupadas. No Brasil, especialmente, a visão hegemônica considera esses territórios como "vazios demográficos" e este seria um bloqueio ao crescimento econômico no país. Esta seria, portanto, a principal justificativa para a implementação nestes espaços de projetos que prometem o "desenvolvimento" dessas regiões.

Segundo Martins (1994), quando se fala em bloqueios ao desenvolvimento econômico do Brasil, é impossível não reconhecer a sugestão da precedência do

econômico em relação a outras dimensões da vida social. Segundo o autor, esta preocupação deve ser desdobrada criticamente para que pudéssemos examinar a hipótese oposta e alternativa de que, no fim das contas, é a modalidade de crescimento econômico o que, na verdade, bloqueia o desenvolvimento social e político na sociedade brasileira.

Ainda sobre o estágio de fronteira apontado por José de Souza Martins, o autor aponta que a fronteira de modo algum se reduz e se resume à fronteira geográfica, mas é a fronteira de muitas e diferentes coisas. A fronteira é o lugar no qual o *outro* é degradado para, desse modo viabilizar a existência de quem domina, subjuga e explora (MARTINS, 2014-2, p.11). Assim, fronteira também é o território considerado afastado que é invadido pelo processo de “desenvolvimento” culminando na degradação do *outro*.

Diegues (2000, p.25) menciona que até recentemente o *outro* no Brasil era identificado apenas com o *índio*, havendo pouca preocupação com outras formas de alteridade. Todavia, o surgimento de outras identidades socioculturais é fato mais recente, tanto na antropologia como ciência quanto no auto-reconhecimento dessas populações como portadoras de uma cultura e modo de vida diferenciado. Esse *auto-reconhecimento* é freqüentemente, uma *identidade construída* ou *reconstruída*, como resultado, em parte, de processos de contatos cada vez mais conflituosos com a sociedade urbano-industrial, e com as formulações político-ideológicas criadas por esta (Diegues, 2000, p.25).

Assim, temos que o recente processo de *auto-reconhecimento* dos diferentes *outros* como portadores de uma cultura e modo de vida próprios, ou seja, de uma identidade está associado aos processos de contato conflituosos com a sociedade urbano-industrial e sua ideologia, ou seja, é resultado dos processos que constituem os espaços de fronteira.

Por este motivo, é importante se considerar a vida cotidiana como um elemento central de análise, pois, como bem menciona Lefebvre (1991, p.135) em *Crítica da Vida Cotidiana*, a substituição dos fatos ditos “significantes” pela soma dos eventos cotidianos corresponde exatamente a substituição da aparência pela realidade, uma operação importante para a ciência tanto quanto é a substituição de elementos individuais pela totalidade. O francês ensina em sua obra que somente essa certeza de que se passa de aparências glamorosas para a essência salva das perspectivas ilusórias com as quais os indivíduos e grupos têm-se visto ao longo de

suas histórias. Assim, Lefebvre (1991) acredita que se permite ver o início de uma ciência, ao invés de um ensaio medíocre acerca antiquados disfarces.

A Sociologia da Vida Cotidiana como uma opção teórico-metodológica para a análise sociológica pode ser acionada a partir de autores como Henri Lefebvre, Agnes Heller e José de Souza Martins. Estes autores tratam a vida cotidiana a partir de uma perspectiva histórica. O interesse pela vida cotidiana atravessa todo o pensamento de Lefebvre. Heller dedica grande parte de sua produção para a construção de uma teoria acerca da vida cotidiana que não se limite aos aspectos meramente repetitivos da cotidianidade mostrando que a essência do cotidiano pode estar no não-cotidiano do cotidiano. Martins, por sua vez, defende uma sociologia da vida cotidiana para se entender a sociedade capitalista a partir das realidades marginais.

Considerações Finais

A análise da vida cotidiana como uma perspectiva teórico-metodológica busca substituir a aparência de que os avanços econômicos necessariamente significam desenvolvimento. Essa concepção ideológica é questionada trazendo a tona a essência do agora no território correspondente representado nos eventos cotidianos da vida dos homens e mulheres que habitam a região. Ou seja, busca-se desobscurecer a ideia de que investimentos econômicos maciços em grandes projetos são a imagem do desenvolvimento de uma região trazendo à tona os demais elementos que o acompanham como as transformações na vida cotidiana.

Referências Bibliográficas

- DIEGUES, A.C., Pescadores, Camponeses, e Trabalhadores do Mar. São Paulo, Editora Ática. 1983 287p.
- DIEGUES, A.C., A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. Etnográfica, Vol. III (2), 1999, Pp. 361-375
- DIEGUES, A. C. & ARRUDA, R.S.V. Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, 2000. 176p.
- FURTADO, C. Brasil: Construção Interrompida. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1992
- FURTADO, C. Introdução ao Desenvolvimento: enfoque histórico – estrutural. São Paulo: Editora Paz e Terra. 2000
- HELLER, A. Historia y vida cotidiana. Barcelona, Grijalbo. 1972. Apud. PAIS, J. M. Paradigmas sociológicos na análise da vida cotidiana. In: Análise Social, vol. XXII (90), 1986 Pp. 7-57
- HELLER, A. La revolucion de la vida cotidiana. Barcelona, Península. 1982 Apud.: SCHKOLNIK, F. Um acercamiento a la vida cotidiana desde los conceptos de Agnes Heller. UBA XXI
- HELLER, A. Sociologia de la vida cotidiana. Barcelona, Ediciones Península. 1977. 101p. Apud.: PAIS, J. M. Paradigmas sociológicos na análise da vida cotidiana. In: Análise Social, vol. XXII (90), 1986 Pp. 7-57
- LEFEBVRE, H. Critique of Everyday Life. London, Verso. 1991. 283p.
- MARCUSE, H. A ideologia da Sociedade Industrial. Rio de Janeiro, Zahar, 4 Edição 1973. 237p.
- MARTINS, J.S. O poder do atraso: ensaios de sociologia da história lenta. São Paulo: Hucitec. 9 Edição. 1994
- MARTINS, J.S. O tempo da fronteira: retorno a controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. In: Tempo Social Rev. Sociol. USP: São Paulo. 1996
- MARTINS, J.S. A Sociabilidade do Homem Simples: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo, Editora Contexto. 2010. 172p.
- MARTINS, J.S. Uma Sociologia da Vida Cotidiana. São Paulo, Editora Contexto. 2014 223p.
- MARTINS, J.S. Fronteira: A degradação do outro nos confins do humano. São Paulo, Editora Contexto. 2014 – 2 187p.
- MARX, K. & ENGELS, F. A Ideologia Alemã (I-Feuerbach). São Paulo, Editora Hucitec, 1993.